

“MARIAS DE NOSSA MÃE: FÉ, FEMININO E AS AMÉRICAS” INICIANDO UMA CAMINHADA

Diego Uchoa de Amorim¹

Resumo: A presente comunicação compõe um projeto que nasce da intenção em levar a diferentes sujeitos e espaços a discussão em torno dos cultos marianos na América Latina e Caribe pensando suas relações com o universo feminino e a mulher na formação histórica, social e cultural do nosso continente. Parte do processo de colonização europeia das mentes, a religião cristã a partir da evangelização e enfrentamento de grupos resistentes conseguiu fazer com que esta região geográfica se tornasse um polo do catolicismo mundial até os dias de hoje. Nesse desenvolver do tempo, trocas de referências e símbolos culturais foram marcantes entre a mitologia cristã, as mitologias dos povos nativos do continente e dos povos oriundos da África. Um dos produtos centrais desse movimento foi a figura da Virgem Maria. Padroeira de todos os países das América Latina e Caribe, a Rainha dos Céus está entranhada na religiosidade popular e é interpretada de inúmeras maneiras a partir dos prismas culturais locais. Todas são Nossa Senhora, porém, são distintas entre si. A riqueza cultural local as diferencia. A centralidade da figura da mulher na construção histórica da América Latina, contudo, as aproxima: as tornam Mãe de Deus.

Palavras-chave: América Latina e Caribe, Cultos Marianos, Feminino, Mulher.

"Conquistadores e conquistados, patrões e empregados, religiosos e leigos viveram sua relação com Maria ao longo dos séculos da história da fé cristã na América Latina. Cada grupo, movido por seus interesses próprios, colocava Maria de seu lado de forma que ela participou dos conflitos de morte e vida, vitória e derrota de diferentes grupos no complexo tecido social latino-americano."

(Maria: Mãe de Deus e Mãe dos Pobres. Ivone Gebara e Maria Clara L. Bingemer)

A jovem chamada Maria que viveu na pacata Nazaré, nas planícies do Sul da Baixa Galileia, hoje é a representação feminina mais popular do mundo. A afirmação contundente logo de início serve para explicitar a dimensão da proposta que virá adiante. Presente em várias linguagens e simbologias das culturas ocidentais e orientais,

¹ Bacharelado e Licenciatura em História (Universidade Federal Fluminense, UFF-Niterói/RJ). Especialista em Educação das Relações Étnico-Raciais no Ensino Básico (Ererebá-CPII, RJ). Mestrando em História (Universidade Salgado de Oliveira, UNIVERSO, Niterói/RJ). Integrante do Laboratório de Estudos de Política e Ideologia (LEPIDE-UNIVERSO) e Grupo de Pesquisas e Estudos Nacionais e Estratégicos – Moniz Bandeira (Rio de Janeiro/RJ). Professor de História do Colégio Realengo (Realengo, RJ) e Pré-Vestibular Social Paróquia São Januário e Santo Agostinho (São Cristóvão, RJ). E-mail: uchoa.amorim@gmail.com
Deixamos aqui os agradecimentos à historiadora mestranda pelo Programa de Pós-Graduação PROF/História (UNIRIO/RJ) e educadora da Rede Estadual de Ensino do Estado do Rio de Janeiro (SEEDUC) Viviane Nazário dos Santos pelos atenciosos comentários e revisão.

como a música, poesia, teatro, cinema, novela, série, artes plásticas, escultura, entre outras, a figura da mãe de Jesus Cristo parece sempre nos rodear. É viva em nomes de ruas, praças, bairros, mulheres, instituições, ditados populares, enfim. A potência das representações marianas pelo mundo, principalmente, no cotidiano das sociedades na América Latina e Caribe, aguçou a curiosidade deste historiador há alguns anos.

Essa sensação tomou mais densidade com o documentário *Marias: A Fé no Feminino* (Joana Mariani, 2016), à época disponível na plataforma Netflix. A obra da diretora inglesa de nascimento e carioca de criação expõe a importância da fé no feminino dos povos latino-americanos a partir dos cultos às Nossas Senhoras nas Américas. Com um recorte voltado para o lado passional da experiência religiosa, pessoas que viveram milagres ou bençãos em sua caminhada dão depoimentos ao mesmo tempo em que aparecem aspectos gerais dos cultos à Mãe de Jesus em países como Brasil, Cuba, Peru, Chile e Nicarágua. Aquela curiosidade começava a virar agonia. Agora, sabíamos que todos os países da América Latina e Caribe eram “amadroados” por Marias.

A vida se resolve. Na tarde de 20 de Julho de 2018, aconteceu no Museu de Arte do Rio de Janeiro (MAR) uma oficina do Instituto dos Pretos Novos (IPN, RJ)² com a Prof.^a Kátia Santos: *Ivone Lara e Délcio Carvalho: genialidades e narrativas pretas do Samba Carioca*. Já na parte final do evento, uma das pessoas caminhou em direção à porta encarando o escritor deste texto enquanto o mesmo falava da sua pesquisa de monografia sobre a influência dos imigrantes do Vale do Paraíba cafeeiro no samba urbano carioca no Pós-abolição. Como metonímia, escolheu-se a trajetória de Tancredo da Silva Pinto (1904-1979), sambista e líder religioso nascido em Cantagalo (NO, RJ), para a análise e pesquisa no projeto orientado por Martha Campos Abreu, Professora Titular de História na Universidade Federal Fluminense (UFF). Quando voltou, o homem mais velho chegou e cochichou: “Depois quero saber o que você está escrevendo sobre o meu avô”.

Essa pessoa era Marcos Cesar, profissional do IPN e familiar de Tata Ti Inkice, nome como Tancredo era conhecido no universo religioso do axé no Brasil. A cultura carioca é recheada do famoso “vamos marcar, vamos marcar, poh!”. Não foi diferente

² Site do *Instituto dos Pretos Novos* (IPN, RJ), localização na região portuária do Rio de Janeiro, disponível em: <http://pretosnovos.com.br/> (Acesso em 20/11/2020)

em relação ao camarada Marcos Cesar. Prometemos uma conversa, mas não saía. Lembremos, porém: a vida se resolve. No Sábado, 18 de Agosto de 2018, depois de uma deliciosa aula campo como atividade do curso de pós-graduação Ererebá (CPII-RJ)³ sob comando do professor/pesquisador Arthur Batista, pintou o convite para a turma beber a saideira no Bar do Geraldinho⁴. Destino: Morro da Conceição (Centro, RJ). Chegamos ao bar. Rolava um samba, boas conversas, cerveja gelada...

Já alegre e com papo solto, Marcos Cesar se aproxima da mesa para cumprimentar o professor e damos de cara um com o outro. Finalmente, levamos aquela ideia prometida. Depois do samba, resolvemos beber umas doses na esquina da Rua Sacadura Cabral com a Rua Camerino, Antiga Rua do Valongo, no Bar do Antônio. A conversa passeava entre histórias do Rio de Janeiro, sambas, pesquisas e religiosidades. No adiantar das horas, o papo chegou às devoções marianas na América Latina e Caribe e suas relações íntimas com a fé dos nossos povos. Ouviu-me. Com o olhar atento, disse em poucas e diretas palavras: “Se dedique às Marias, seus caminhos levam a elas”. Assim, surgia o projeto nas encruzilhadas das ruas cariocas. Sem vínculos com instituições, grupos de estudos ou coletivos. Começava a longa caminhada.

Pensamos na viabilidade, referências, fontes, recortes. Os meses iniciais foram difíceis pois coincidiram com o final do ano letivo quando a correria dos professores é mais intensa. No começo de 2019, estabelecemos a movimentação. O primeiro passo foi dedicar uns meses para aprofundamento na bibliografia e principais referências sobre o tema. Tonava-se necessário para os objetivos pretendidos conhecer os principais pesquisadores e as questões mais debatidas no campo de estudo dos cultos marianos nas áreas de Teologia, História, Geografia, Filosofia, Antropologia, Ciências Sociais, entre outras⁵. As consultas bibliográficas ocuparam os primeiros trimestres com foco na construção do projeto e dos seus objetivos e justificativas, essencialmente entre Outubro de 2018 até Setembro de 2019.

³ Página do curso de pós-graduação em Educação das Relações Étnico-raciais no Ensino Básico (Ererebá – Colégio Pedro II/RJ), disponível em: <https://www.instagram.com/ererebapos/> (Acesso em 02/05/2021)

⁴ Página do Facebook: <https://www.facebook.com/bardogeraldin> (Acesso em 15/12/2020)

⁵ A *interdisciplinaridade* é um dos traços marcantes deste projeto. A natureza do nosso objeto de pesquisa demanda uma série de prismas de interpretação que a concentração numa determinada área de conhecimento não iria ajudar no alcance dos objetivos gerais e específicos.

Sobre os trabalhos com bibliografias, este trabalho não vai parar nem tampouco parou enquanto a pesquisa avança. Até o momento da escrita destas linhas, já foram consultadas mais de 200 obras entre artigos, dissertações e teses acadêmicas – fora as referências de cunho jornalístico, artístico e audiovisual. Fontes históricas e materiais de consulta não faltam. Concebendo esse texto como um cartão de visitas, cabe destacar o Objetivo Geral do projeto:

Compreender a dimensão e os significados dos cultos marianos na América Latina e Caribe, desde o século XVI até os dias atuais recheados de novidades do século XXI, na formação histórica, social e cultural da presença das manifestações de fé no continente. Partindo do prisma da diversidade cultural, da centralidade da mulher nas famílias dos diversos povos latino-americanos e caribenhos e do caráter masculino dos processos de conquista e colonização, entre outras questões centrais. Sempre ressaltando suas peculiaridades locais e diferentes apropriações do símbolo mariano por parte das nações mestiças, ameríndias, africanas, europeias e de seus descendentes nas Américas, além dos recortes raciais, de gênero, classe e sexualidade, tanto no período colonial quanto nos Estados-nação independentes.

De recorte temporal longo (quase suicida!), o projeto trabalha com *temas transversais* selecionados de acordo com os interesses do pesquisador e das demandas da pesquisa. Sobre as apresentações, presenciais ou online, cada momento será pensado em sua individualidade visando um *produto singular* pautado nas preferências dos grupos interessados, contextos sociais, econômicos e políticos, local da apresentação, entre outros pontos. Como o objetivo central é trabalhar os cultos marianos na América Latina e Caribe a partir do prisma da diversidade cultural e da formação social e histórica dos povos e Estados-nação do continente, enfatizando a posição estrutural da mulher e do sagrado feminino, urge introduzir o leitor e/ou interessado no espaço-tempo no qual vamos nos debruçar. Nosso trabalho não está isolado.

Integra um grupo significativo de pesquisas que, nas últimas décadas, procuram entender melhor as culturas e as histórias silenciadas do nosso continente pelos grandes conglomerados editoriais e de mídia do país e do Ocidente. Os cultos à Virgem Maria se tornam objetos irresistíveis a essa viagem libertadora. Começemos, então: porque todos os países latino-americanos e caribenhos são “amadroados” por Marias? As respostas passam pelo que os intelectuais das ciências humanas e sociais chamam de *modernidade*. As raízes da sociedade capitalista globalizada *high tech* do século XXI

estão atreladas intimamente a este determinado período da história. Mais precisamente, da história do Ocidente a partir das epopeias mercantilistas dos navegantes oceânicos dos Quinhentos e Seiscentos (DUSSEL, 1993; GROSGOUEL, 2016).

Os séculos XVI, XVII e XVIII, sem dúvida, foram momentos ímpares para diversos povos do nosso planeta. Pela primeira vez, a partir de determinados fenômenos históricos de grande alcance, os cinco continentes entravam em contato direto. A Expansão Comercial Europeia, a Reforma Protestante, o Renascimento Europeu, a Conquista de Constantinopla, a Reconquista Ibérica, a Conquista da América e o Escravismo Moderno construíram esse cenário. Iniciava-se uma das maiores conexões em níveis globais até então. Ásia, Europa, África, América e Oceania em contatos mercantis, culturais e políticos. A colonização das Américas, iniciada em 1492 com a viagem capitaneada pelo genovês Cristóvão Colombo (1451-1506) em nome do reino espanhol de Castela e Aragão, mudou definitivamente a vida de milhões de homens, mulheres e crianças (DUSSEL, 1993; GROSGOUEL, 2016).

Podia ser uma Sexta-feira qualquer para os tainos e arawaques, povos habitantes da ilha caribenha *Ahti* - atualmente onde se localizam os países Haiti e República Dominicana. Mas não foi, em finais do século XV, a chegada de alguns exploradores pelo mar transformaria os rumos de gerações. Uma característica marcante do processo de conquista e da colonização das Américas, onde os europeus idealizaram o Novo Mundo, foi a *violência*. Manifestava-se de diferentes formas no cotidiano. Entre elas, o *genocídio* direcionado aos corpos ameríndios donos das terras em processo de conquista pelas monarquias europeias: “Em apenas um século, entre 1500-1600, dos 80 milhões de nativos existentes na América pré-colombiana 70 milhões foram exterminados. Duas mil línguas desapareceram com eles”⁶ (FANON, 2010; GRUZINSKI, 2003).

Houve resistência. Uma lenda popular entre os haitianos e, principalmente, as haitianas é a história da líder taína Anacaona (?-1504). “Flor de ouro”, significado na língua original, esteve à frente dos resistentes no momento da chegada dos homens de Colombo. A socióloga Pâmela Marques apresenta a narrativa passada de geração a geração através de relatos orais pelas mulheres no Haiti da liderança que se transformou em símbolo de “potência, resistência, insubordinação e aceitação do trágico”

⁶ Trecho retirado do documentário *O mundo global visto do lado de cá* (Silvio Tendler, 2002), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM (Acesso em 01/10/2016)

(MARQUES, 2017: 9-10). Conhecer sua história é uma espécie de iniciação à vivência, sensações e valores ligados ao feminino. Nas palavras da escritora haitiana Edwidge Danticat “nós somos filhas de Anacaona. Nós envergamos, mas não quebramos” (BOFF, 2015: S/N):

Os relatos existentes atestam que Anacaona teria conseguido manter-se viva e livre e que organizava uma resistência sistemática, ampla e extensiva junto a mais oitenta caciques/as quando um traidor anunciou aos espanhóis o local da reunião, as lideranças foram queimadas vivas e Anacaona, capturada. A ela ofereceram clemência, desde que aceitasse tornar-se concubina de um capitão espanhol. Anacaona teria apenas vinte e nove anos quando, ao recusar-se a fazê-lo, foi executada por enforcamento em praça pública depois de passar por sucessivos estupros (MARQUES, 2017: 9-10).

“A grande mãe sedutora” rainha de Xaragua, esposa do cacique Caonabo (?-1492), nos leva à imagem do feminino e à questão de gênero intrínseca à história das Américas e as suas relações com o papel central desempenhado pelas mulheres nas sociedades coloniais e futuramente nos Estados-nação independentes. A colonização europeia dos tempos modernos foi uma empresa *masculina*. Fator negligenciado por muitos trabalhos que lidam com o tema e se apegam apenas às motivações e efeitos econômicos e políticos. A escritora e antropóloga chilena Sonia Montecino vem destacando a forte ligação desse traço com as famílias americanas agenciadas por mulheres e as associações do feminino com o ideal de força, presença e maternidade (MONTECINO, 1990, DUSSEL, 1993; GROSGOUEL, 2016).

Segundo a intelectual, tais características seriam variáveis sexuais e morais das nuances violentas que cercavam os relacionamentos entre homens e mulheres durante a conquista e a colonização. Em paralelo, com os passar do tempo, seguindo as análises do sociólogo Kabengele Munanga, identificamos um processo de *racialização* cada vez mais forte responsável por organizar as hierarquias sociais que se fariam presentes no cotidiano dessas sociedades nos séculos XVI e XVII chegando ao seu auge nas “luzes” do XVIII (MUNANGA, 1999: 36-37). Buscando distância do olhar *eurocêntrico*, racista e masculino do desenvolvimento da colonização:

Nuestra cultura, en cambio, no inmoló a la madre sino que la divinizó en la figura de la Virgen mestiza y colocó a la mujer-madre en una posición apical dentro de la familia. La historia particular que signa a América Latina produjo esta

predominancia de lo materno y dibujó lo paterno como una autoridad fantasmática (por su ausencia) que no se expresa en la alegoría del Dios-Padre como el origen de todos y como el depositario de la Ley, sino en un *pater* lejano, poco audible; pero no por ello carente de poder (MONTECINO, 1990).

O detalhe da tela *Episodios de la Conquista – Matanza de Cholula* (Museo Nacional de Arte, México, 1877) do artista Félix Parra (1845-1919) nos permite fazer uma alegoria de como se organizaram as dinâmicas sociais a partir das dimensões de classe, raça, gênero e sexualidade nas Américas coloniais. A Matança de Cholula (1519), cidade sagrada da divindade Quetzalcóatl, entranha o imaginário dos mexicanos como um dos episódios mais sangrentos da conquista na região correspondente ao coração do Império Azteca com extensões pela Mesoamérica. Cerca de 6.000 nativos mortos, em sua maioria civis. Ao final do conflito, a postura de vencedor do conquistador europeu contrasta com o olhar da mãe indígena com a criança no colo. Olhar de força e tristeza, fixo no futuro de incertezas e no presente de desgraças.

Vale apontar características marcantes na iconografia nacionalista romântica dos Estados americanos recém libertos dos Oitocentos: o corpo masculino ameríndio morto/violentado ou sua não-presença. A força dessas *representações* está ancorada nos interesses das elites desses novos países em aprisionar a figura indígena no passado deixando caminhos abertos para construção de um futuro sob hegemonia da *branquitude*. O homem branco cristão colonizador entra em cena, assim, como o elemento de destruição das estruturas produtivas daquelas sociedades e dos seus laços familiares tradicionais para a construção de uma realidade rasurada inevitavelmente pela violência e ausência. Com o desenvolvimento dos projetos das cidades coloniais, zonas de extração, produção e valorização de mercadorias nas Américas, outros fenômenos vão aprofundar esse cenário (RAMOS, 1957; CHARTIER, 1988; STOLKE, 2006).

A morte e superexploração das nações indígenas passam a ser acompanhadas ainda nas primeiras décadas dos Seiscentos pelo sistema escravista moderno. A *diáspora africana*, então, modificará definitivamente a realidade existente até o momento. Mais de 12 milhões de africanos e africanas chegaram sequestrados às Américas até o século XIX trazendo experiências, memórias e religiosidades. Devagar ia germinando o que os contemporâneos chamavam de *Monarquia Católica*. Um mundo imperial hierarquizado pelos conceitos de classe, raça, gênero e sexualidade sob

hegemonia do homem branco cristão colonizador. As mulheres de origem europeia, indígena e africana vão experimentar, às suas maneiras, essa realidade nociva. Não nos perdemos na explicação, ao contrário, finalmente, agora temos condições de nos encontrar (WILLIAMS, 1975; RODNEY, 1975; HALL, 2003; GRUZINSKI, 2003b).

Depois de passar pelo viés objetivo e material da violência colonial, vamos explorar outra nuance das sociedades americanas: o *epistemicídio*. Presente nos métodos da expansão europeia no início dos tempos modernos, o assassinato de cosmovisões não foi exclusividade das Américas. Esteve presente contra os islâmicos em Al-Andalus anos antes da chegada ao Caribe no século XV. Um dos pilares dos ataques aos conhecimentos, línguas e patrimônios de origem indígenas e africanas que existiam ou tentaram se constituir nas Américas coloniais era a Igreja Romana e seu projeto de expansão da fé católica. Uma das maiores instituições do mundo à época, teve atuação estratégica na colonização das mentes e legitimação das novas relações sociais. A cruz estampava as bandeiras das naus e caravelas (SANTOS, 1995; GROSGOUEL, 2016).

Recentemente, historiadores e outros cientistas sociais desnudaram as práticas de destruição da autoestima do sujeito colonizado minando suas forças de resistência enquanto as maneiras de viver e interpretar o mundo judaico-cristãs se tornavam normativas silenciadoras frente às matrizes africanas e ameríndias. Aprofundava-se o processo de *ocidentalização*. Através das ordens religiosas e missionários, como os Jesuítas, Franciscanos e Dominicanos, o catolicismo rapidamente se capilarizou entre os povos indígenas. Na empreitada nutrida pelo *espírito cruzadista* do imaginário europeu, reativado pela Reconquista Ibérica e ressignificado nas Américas, uma figura da mitologia cristã se destacou: Maria de Nazaré. A representante maior do sagrado feminino no cristianismo. Ser humano mais próximo de Deus, possuída pelo Espírito Santo e mãe do Messias⁷ (DUSSEL, 2017; GUERRA, 1994; GRUZINSKI, 2003b).

Maria chegou às terras americanas estampada nas naus e caravelas dos exploradores europeus. Culto com origens nos primeiros séculos da devoção em Cristo, de força especial no Oriente, os ocidentais oficializaram a devoção à *Theotokos* no Concílio de Éfeso (431 d.C.) – cidade de fervorosa devoção às deusas greco-romanas

⁷ *A Virgem que se abre e a Trindade, c. 1400* (Museum de Cluny, Paris). As “Virgens que se Abrem”, representações marianas em estatuetas de madeira originárias da Europa dos séculos XIV e XV, são exemplos dessa ligação íntima da figura de Maria com os pilares da Santíssima Trindade.

Diana e Ártemis. O culto à “Mãe de Deus” se materializou no templo Santa Maria Maggiore (Roma, séc. V), construído sobre um edifício anteriormente dedicado à Minerva. No Velho Continente, seria durante o medievo que os cultos marianos alcançariam níveis significativos acompanhando a afirmação da instituição eclesial. “Concebidas em Roma no final do século VII, as quatro grandes festas marianas (a Anunciação, a Purificação, a Assunção e a Natividade de Maria)” difundiram-se rapidamente nos tempos do feudalismo (BASCHET, 2006; PELIKAN, 2000).

As igrejas de cidades ou aldeias iam adotando títulos marianos em detrimento dos santos e Jesus. Os cultos à Mãe de Deus passaram, então, a fazer parte das relações das identidades locais: “sua figura se torna mais particular, até mesmo se fragmenta, tornando-se local, como se a Virgem de tal santuário não fosse a mesma que a de um outro lugar”. A força da figura de Maria se objetivava não só na fé individual e comunitária nas sociedades medievais. Fazia-se enxergar, também, na popularização da sua iconografia em quadros, estátuas, livros, portais de catedrais, enfim. O esforço do clero na associação entre a imagem da Virgem e a instituição fazia parte do esforço de sacralização de seus membros como mediadores entre Deus e seu povo⁸. No século XII chegou-se a afirmar que “Deus tinha mudado de sexo”. O medievalista Jacques Le Goff, assinala a existência de um Deus quaternário (BASCHET, 2006; LE GOFF, 2007).

Nos processos históricos centrais no surgimento do mundo moderno a partir do século XV, Maria de Nazaré ocupou espaço privilegiado e seu culto alcançou níveis globais. Seus primeiros títulos no Novo Mundo estão ligados aos agradecimentos pela chegada em terra firme, às vitórias nas guerras de conquista e à conversão dos nativos ao cristianismo. Os conflitos por riquezas e territórios neste contexto eram estreitamente ligados à religião. No enfrentamento aos islâmicos na Península Ibérica, desfilando bandeiras estampadas com imagens marianas, a coroa portuguesa dedicou o êxito à Nossa Senhora da Imaculada Conceição. Os espanhóis se apegaram a Santiago Maior e Nossa Senhora do Pilar nas batalhas decisivas. O Santiago *Matamouros* ibérico, por exemplo, nas guerras de conquista das Américas se tornou o *Mataíndios* em Cuzco e Tenochtitlán (PELIKAN, 2000; ALMEIDA DE SOUZA, 2001).

⁸ Fonte interessante nesse sentido é a iconografia medieval *A Mãe-Igreja aleitando os fiéis*, 1150-70. Desenho segundo os Comentários dos Evangelhos de São Jerônimo, Stiftsbibliothek, Engelsberg, ms. 48, fl. 103v.) (BASCHET, 2006: 458)

Os casos das aparições de Nossa Senhora das Mercês e São Sebastião nas guerras em Cuzco e na Baía de Guanabara, respectivamente, são exemplos. Narrativas como Nossa Senhora de Coromoto (Venezuela, 1652), Nossa Senhora de Caacupé (Paraguai, XVI-XVII), Virgem De La Antigua (Panamá, 1510), Nossa Senhora de Chiquinquirá (Colômbia, 1586), Nossa Senhora dos Anjos (Costa Rica, 1635), entre outras, mostram Maria como “estrela da evangelização”, nas palavras do Papa Paulo VI. “Se, para os conquistadores, Maria é a Nossa Senhora dos Aflitos, da Boa Viagem, da Conquista vencida”, para os conquistados, Maria é “Nossa Senhora da ‘perda das terras, Nossa Senhora da invasão”. O significado de força atrelado à Rainha dos Céus começava a nascer. Para as nações indígenas, a conquista europeia teve sucesso também devido a intervenção dos seus deuses (SOUZA, 2017; ALMEIDA DE SOUZA, 2001).

A “ocidentalização provoca, deliberadamente ou não, mestiçagens. A Igreja explora os sincretismos cristãos para enraizar o culto católico”. As relações simbólicas da “morenita” Virgem de Guadalupe (1531) com a deusa Tonantzin, no Vale do México, e a “mamita” Nossa Senhora de Copacabana (1551) com as encantarias do Lago Sagrado dos incas, no Alto Peru, são produtos desse processo. Os hispano-americanos e os africanos que chegavam a partir do século XVI alimentaram, também, seus cultos à Nossa Senhora do Carmo, Nossa Senhora da Glória, Nossa Senhora do Rosário... Na expansão global da fé cristã, Maria associou-se à identidade católica *versus* o ícone de Jesus para os protestantes. O Concílio de Trento (1545-1563) seguiu a tendência reforçando as rezas do rosário⁹, o *Ave Maria*, o canto *Magnificat*, os badalos do *Angelus*, iconografias e esculturas marianas (SOUZA, 2017; GRUZINSKI, 2003b).

No clima da era das revoluções dos Oitocentos, os processos de independência e formação dos Estados-nacionais da região paralelos às jornadas de abolição de estruturas escravistas e intensificação do genocídio indígena foram a tônica da história. Entre transformações e continuidades, tradições e modernidades, nasciam as sociedades latino-americanas e caribenhas. Os cultos e narrativas marianas permearam uma série de episódios importantes dessa caminhada como as Guerras de Independência do Chile (1817-1818), Independência do Uruguai (1825), Campanhas do Sul na Argentina (1852-

⁹ “A catequese dos missionários incluía sempre a devoção à Virgem e a prática da oração do Rosário passou a ser uma constante na vida católica dos aldeamentos de indígenas, depois na senzala dos negros e mais tarde assumida como tradição importante na religiosidade popular latino-americana.” (GEBARA e BINGEMER, 1987).

1885), Abolição da Escravidão no Brasil (1888). No século XX, identificamos a continuidade e intensificação dessa fé em Nossa Senhora no Ocidente como um todo.

Peregrinações, milagres e aparições como em Fátima (POR, 1917), Campinas (BRA, 1930) e Garabandal (ESP, 1961-5) deram ânimo aos fiéis no mundo todo. O Concílio Vaticano II (1962-5) e a exortação apostólica *Marialis Cultus* (1974) do Papa Paulo VI mostram a movimentação institucional em relação ao tema. Nas Américas, seja nos governos liberais-democratas das décadas de 1930/50 ou durante as ditaduras civis-militares nos anos 1960/80, eventos marcantes da história se entrelaçaram com a fé mariana: Revolução Cubana, Golpe Civil-militar na Bolívia, Guerra das Malvinas, movimentos sociais como as Comunidades Eclesiais de Base (CEB), a Teologia da Libertação, entre outras. No começo do século XXI, com suas crises econômicas, políticas e morais, a devoção à Mãe de Deus se mantém intensa, diversa e atualizada nas nações do continente. O Brasil, sem dúvida, tem lugar especial nessa *comunidade imaginada mariana* das Américas (ZUBEN e LANDGRAF, 2018; ANDERSON, 2008).

“O amor e a devoção a Maria são um dos traços característicos da religiosidade do povo” disse o Papa São João Paulo II em visita ao Santuário de Aparecida em 1980. Ligada à tradição do marianismo ibérico da Coroa Portuguesa desde o século XII, através de práticas, narrativas, instituições e intervenções no espaço, a devoção atravessou gerações. Iniciando pela Rainha do Brasil Nossa Senhora da Conceição Aparecida, passando pelas devoções estaduais como Nossa Senhora de Nazaré (Pará) e pelas comunidades de imigrantes como Nossa Senhora de Caravaggio (Farroupilha/RS), até chegar às vivências marianas das religiões de matrizes afro-ameríndias com suas relações com Janaína, Oxum e Iemanjá, entre outras, as crenças brasileiras guardam raízes no sagrado feminino. A centralidade da mulher nas famílias encontrou no simbolismo da Virgem Maria as confluências de culturas, experiências e memórias (CIPOLINI, 2010; ROSENDAHL, 1995; PEREIRA, 2018).

Os cultos marianos no Brasil permeiam relações sociais de naturezas variadas como raça, classe, gênero, identidade, comunidade, nacionalidade. No maior país da América do Sul, Nossa Senhora é padroeira oficial de 19 dos 26 estados da federação, fora o Distrito Federal. O Santuário Nacional de Nossa Senhora Aparecida, o maior templo mariano do mundo, recebe uma média de 12 milhões de fiéis por ano além de

sediar a Academia Marial de Aparecida¹⁰, importante centro de difusão da religiosidade e pesquisa mariana. A nação assentada em leituras e apropriações religiosas de troncos culturais de origem americanas, africanas e europeias vivencia a devoção através de santuários, espaços públicos, instituições, práticas comunitárias e individuais tatuadas pela diversidade que confluem na experiência dos cultos à Virgem Maria. Elas serão nossas guias nessa peregrinação pela *geografia mariana* brasileira e do continente.

Os meses passaram e chegou a primeira oportunidade de apresentação pública do projeto. Em Outubro de 2019, realizou-se a XIV Semana de História Política da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ)¹¹. A sessão de comunicações coordenada pela professora/pesquisadora Adriana Gomes da SEEDUC (RJ) e UNIVERSO (NIT) foi um momento especial. O retorno de críticas, apontamentos bibliográficos e compartilhamento dos pares historiadores e historiadoras, fora os comentários da coordenadora da mesa, foram essenciais para os próximos passos e atualização do planejamento. Abriam-se, então, os caminhos para o trabalho com os cultos marianos e suas relações com as culturas latino-americanas e caribenhas. O final do ano de 2019 reservaria uma surpresa: a pandemia do novo coronavírus (Covid-19). No Brasil, o contexto se agravou depois do Carnaval em Março de 2020.

Da noite para o dia a interatividade e a comunicação foram inundadas pelas tecnologias digitais. As coisas mudaram rápido, renovar era o verbo. Inevitavelmente, os trabalhos tiveram o freio puxado. O aprofundamento bibliográfico se manteve sem grandes perdas. Novidades viriam em Setembro, mês da Natividade de Maria e da primeira viagem para fora do estado do Rio de Janeiro ligada ao projeto. Entre os dias 08 e 12, estivemos em São Paulo conhecendo e pesquisando o espaço e a devoção mariana de Nossa Senhora da Penha de França (Zona Leste, SP). Em Novembro, apresentamos o projeto em forma de comunicação no evento online XXXVI Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF)¹². No mesmo período, numa

¹⁰ Site *Academia Marial de Aparecida*, disponível em: <https://www.a12.com/academia> (Acesso em 01/04/2021)

¹¹ Site do evento Semana de História Política da Universidade Estadual do Rio de Janeiro (UERJ), disponível em: <http://semanahistoriauerj.net/> (Acesso em 10/04/2021)

¹² Site do evento Semana de História da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), disponível em: <https://doity.com.br/semanadehistoriaufjf> (Acesso em 10/04/2021)

ligação surpresa do produtor audiovisual Guido Lima¹³, iniciou-se mais uma parceria. O projeto ganhava condições de gerar produtos além dos eventos, cursos e textos escritos.

A linguagem audiovisual abre novos horizontes. Ainda no mesmo mês, outra contratação de peso ingressou no elenco. A historiadora e ilustradora Mariana Rosa¹⁴ assumiu a elaboração e cuidado da identidade visual. As reuniões com as parcerias são constantes via plataforma Zoom e seus auxílios são essenciais para alcançar um dos maiores objetivos dos pesquisadores/autores: a publicização do conhecimento produzido. No mundo das telas do século XXI, o esforço em levar algo para o grande público vai além de oficinas, comunicações e apresentações presenciais. Atualmente, historiadores do campo da História Pública têm dedicado estudos sobre o investimento nas redes sociais e alertam que a “dimensão pública da história e a atuação do historiador para além dos limites do acadêmico não é uma novidade” e tem origens nos Oitocentos (CARVALHO, 2016: 36-44).

Nomes como Bruno Pastor de Carvalho, fundador do blog Café História¹⁵, apontam: as “Redes Sociais na Internet interessam aos historiadores porque elas são um dos fenômenos históricos mais importantes da história da comunicação e da história contemporânea”. Facebook, Instagram, Twitter, Pinterest e Telegram até o momento compõe o leque de divulgação do projeto além de gerarem acervos com dinâmicas próprias e somarem com o aumento da interatividade dos produtos através de transmissões ao vivo de apresentações e lives especiais. O trabalho nas plataformas se iniciou na Segunda-feira dia 03 de Maio de 2021, mês dedicado internacionalmente a Maria de Nazaré. As plataformas digitais, publicações, apresentações, comunicações e oficinas serão veículos pelas quais os produtos e narrativas vão circular ao mesmo tempo em que as produções, visitas e viagens continuam (CARVALHO, 2016: 36-44).

Finalmente, vamos nos encaminhando para uma breve despedida. O texto pretendeu ser um cartão de visitas ao projeto *Marias de Nossa Mãe: Fé, Feminino e Américas* e suas futuras produções. Está na mesa a proposta de viagem pela diversidade cultural e formação histórica dos povos e Estados latino-americanos e caribenhos a partir dos cultos a Nossa Senhora tendo em vista a centralidade das mulheres na vida e

¹³ Instagram: <https://www.instagram.com/guidoqueirozz/> (Acesso em 23/03/2021)

¹⁴ Instagram: <https://www.instagram.com/ilust.rosa/> (Acesso em 23/03/2021)

¹⁵ Site *Café História*, disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/> (Acesso em 31/03/2021)

ancestralidade das famílias do continente. A caminhada é longa e trabalhosa, mas recompensadora. Seguiremos com perseverança, filhos da violência e do amor, sob as bênçãos das Marias de Nossa Mãe: “Soy América Latina um Pueblo sin piernas pero que camina”¹⁶. Maria passa à frente, tempos difíceis formam seres humanos fortes.

Referências Bibliográficas:

- ALMEIDA DE SOUZA, Juliana Beatriz. *Virgem mestiça: devoção à Nossa Senhora na colonização do Novo Mundo*. IN: Tempo, vol. 6, núm. 11, Julio, 2001, pp. 77-92.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades Imaginadas: reflexões sobre a origem e a difusão no nacionalismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- BASCHET, Jérôme. *A Civilização Feudal: do ano 1000 à colonização da América*. São Paulo: Globo, 2006.
- CARVALHO, Bruno Leal Pastor de. *História Pública e Redes Sociais na Internet: elementos iniciais para um debate contemporâneo*. IN: Transversos: Revista de História. Rio de Janeiro, v. 07, n. 07, set. 2016.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre Práticas e Representações*. Lisboa: Editora Diefel, 1988.
- CIPOLINI, Pedro Carlos. *A Devoção Mariana no Brasil*. IN: Teocomunicação, Porto Alegre, v.40, nº1, pág. 36-43, jan./abril. 2010.
- DUSSEL, Enrique. *A Filosofia da Libertação frente aos estudos pós-coloniais, subalternos e a pós-modernidade*. IN: Revista Direito & Práxis, Rio de Janeiro, Vol. 08, N.4, 2017.
- _____. *1492: o encobrimento do outro: a origem do mito da modernidade*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- FANON, Frantz. *Os Condenados da Terra*. Juiz de Fora: Editora UFJF, 2010.
- GEBARA, Ivone, BINGEMER, Maria Clara L. *Maria, Mãe de Deus e Mãe dos pobres: um ensaio a partir da mulher e da América Latina*. Petrópolis: Vozes, 1987.
- GUERRA, François-Xavier. *Memórias em Transformação*. IN: GUERRA, François-Xavier (org.) *Mémoires en Devenir. Amérique latine XVIe-XXe siècle*. Bordeaux, Maison des Pays Ibériques, 1994.
- GROSFUGUEL, Ramón. *A estrutura do conhecimento nas universidades ocidentalizadas: racismo/sexismo epistêmico e os quatro genocídios/epistemicídios do longo século XVI*. IN: Revista Sociedade e Estado – Volume 31, Número 1, Janeiro/Abril 2016.
- GRUZINSKI, Serge. *A Colonização do Imaginário: sociedades indígenas e ocidentalização no México espanhol. Séculos XVI-XVIII*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- _____. *O historiador, o macaco e a centaura: a “história cultural” no novo milênio*. IN: Estud. av. vol.17 no.49 São Paulo Sept./Dec. 2003.
- HALL, Stuart, HALL, Stuart. *Da Diáspora: identidades e mediações culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003, pág. 33.
- LE GOFF, Jacques. *O Deus da Idade Média: conversas com Jean-Luc Pouthier*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

¹⁶ *Latinoamerica* (Calle 13, 2010), disponível na plataforma Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8> (Acesso em 23/03/2021)

MARQUES, Pâmela Marconatto. *Narrando revoluções com os pés no Haiti: A Revolução haitiana por Michel-Rolph Trouillot e outros intelectuais caribenhos*. IN: Revista de Estudos e Pesquisas sobre as Américas, V. 11, nº 3, 2017.

MONTECINO A., Sonia. *Símbolo mariano e constitución de la identidad femenina em Chile*. IN: Estudos Públicos, nº 39, 1990.

PELIKAN, Jarolav. *Maria através dos séculos: seu papel na história da cultura*.

PEREIRA, Mabel Salgado. *Devoção Mariana: Espaço Sagrado e Memória Coletiva*. IN: RHEMA, v. 16, n. 51, p. 96-117, jan./jul. 2018.

RAMOS, Guerreiro. *Introdução Crítica à Sociologia Brasileira*. Rio de Janeiro: Editorial ANDES Limitada, 1957.

SANTOS, S. Boaventura. *Pela Mão de Alice*. São Paulo: Cortez Editora, 1995.

SOUZA, Alzirinha. *Evangelização mariana e devoção popular na América Latina: a exigência do cuidado com o culto a Maria na atualidade*. IN: Revista Eletrônica Espaço Teológico Releteo, 2017.

STOLKE, Verena. *O enigma das intercessões: classe, “raça”, sexualidade. A formação dos impérios transatlânticos do século XVI ao XIX*. IN: Estudos Feministas, Florianópolis, 14(1): 336, janeiro-abril/2006.

RODNEY, Walter. *Como a Europa subdesenvolveu a África*. Lisboa: Seara Nova, 1975.

WILLIAMS, Eric. *Capitalismo e Escravidão*. Rio de Janeiro: Editora Americana, 1975.

ZUBEN, Newton Aquiles Von, LANDGRAF, Robert D. *Piedade popular e o culto a Maria: um olhar a partir do Diretório de Piedade Popular e Liturgia e da Exortação Apostólica Marialis Cultus*. IN: Revista de Cultura Teológica, Ano XXVI, nº 91, Jan/Jun, 2018.

Referências Iconografias:

Episodios de la Conquista – Matanza de Cholula (Museo Nacional de Arte, México, 1877) do artista Félix Parra (1845-1919)

A Mãe-Igreja aleitando os fiéis, 1150-70. Desenho segundo os Comentários dos Evangelhos de São Jerônimo, Stiftsbibliothek, Engelsberg, ms. 48, fl. 103v.)

A Virgem que se abre e a Trindade, c. 1400 (Museum de Cluny, Paris)

Referências Periódicos e Sites:

BOFF, Leonardo. *Somos feias, mas estamos aqui para gritar: “nou lèd, nou la”*. Artigo publicado no site O Tempo em 28 de Agosto de 2015, disponível em: <https://www.otempo.com.br/opiniaio/leonardo-boff/somos-feias-mas-estamos-aqui-para-gritar-nou-led-nou-la-1.1098204> (Acesso em 18/03/2021)

Site *Café História*, disponível em: <https://www.cafehistoria.com.br/> (Acesso em 31/03/2021)

Site *Academia Marial de Aparecida*, disponível em: <https://www.a12.com/academia> (Acesso em 01/04/2021)

Site do *Instituto dos Pretos Novos* (IPN, RJ), localização na região portuária do Rio de Janeiro, disponível em: <http://pretosnovos.com.br/> (Acesso em 20/11/2020)

Referências Audiovisuais:

Latinoamerica (Calle 13, 2010), disponível na plataforma Youtube: <https://www.youtube.com/watch?v=DkFJE8ZdeG8> (Acesso em 23/03/2021)

O mundo global visto do lado de cá (Silvio Tendler, 2002), disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=-UUB5DW_mnM (Acesso em 01/10/2016)